

O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista

Klebson OLIVEIRA
(UFBA/PROHPOR – PRODOC/CAPES)

Resumo: O evento em torno do qual gravita o presente artigo é um estudo sistemático, numa perspectiva descritivo-interpretativista, de dois fenômenos situados na esfera da fonética/fonologia: trata-se da redução de ditongos, o verso, e da ditongação, o reverso. Fenômenos que já contam com razoável bibliografia para o português brasileiro no sincrônico contemporâneo, o artigo em causa pretende preencher uma lacuna e, ao mesmo tempo, dar alguma nova contribuição sobre esses aspectos, na medida em que lastrearão o referido estudo 290 documentos escritos ao longo do século XIX, no âmbito de uma irmandade negra, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 1832, por africanos, na cidade de Salvador/BA.

Palavras-chave: redução de ditongos; ditongação; século XIX; Português Brasileiro

Abstract: The present article is a systematical study of two related phenomena concerning to phonetics and phonology, namely diphthong reduction and formation. Although it can be said that diphthongation and its reverse process can count on reasonable bibliography for the contemporary Brazilian Portuguese, the present work intends, nevertheless, to stop the gap on diachronic research about the phenomena. Based on 290 documents written throughout the XIXth Century by members of a black brotherhood, named Sociedade Protetora dos Desvalidos, first established in 1832, in the city of Salvador, Bahia, it aims at bringing new lights on the question.

Keywords: diphthong reduction; diphthongation; XIXth Century; Brazilian Portuguese

Introdução

A Sociedade Protetora dos Desvalidos, irmandade negra fundada por africanos na cidade de Salvador no ano de 1832, ganha,

“de cara”, destaque, porque, por se manter em pé até os tempos que correm, possibilitou a preservação de farto acervo documental, escrito de punho próprio por seus integrantes, que se estende em um arco temporal que vai de 1832, data da sua legitimação, até os tempos presentes. Está-se, portanto, diante de documentação produzida por indivíduos pertencentes a grupos sociais subalternos, que, como é consabido, devem ter aprendido as habilidades da leitura e da escrita por outros caminhos que não os formais.

Como os mais prováveis utentes que foram do português popular brasileiro em sincronias passadas, arrisca-se a afirmação de que, possuindo em maior ou menor grau a faculdade das letras, esses africanos e seus descendentes deixaram escorrer para a escrita traços característicos da fala, mas, para o presente texto, elegeram-se dois fenômenos circunscritos no âmbito da fonética/fonologia: de um lado, a redução de ditongos e, de outro, a ditongação.

Há a sublinhar, porém, que a escolha pela redução de ditongos e pela ditongação não foi aleatória. Sabe-se serem esses fenômenos bastante recorrentes na variedade brasileira da língua portuguesa; comprovam-nos os inúmeros estudos feitos em diversos dialetos e sob o escopo de variadas teorias lingüísticas. Priorizando esses estudos a língua oral e, só recentemente, a língua escrita, pode-se colocar a principal contribuição das páginas que estão por vir: um estudo, que se pretende sistemático, da redução do ditongo e da ditongação no século XIX, que até o momento não mereceu nenhuma atenção.

E por falar em teorias lingüísticas, o presente estudo não elegerá nenhuma para enredar os dados, o que significa dizer que, na pesquisa bibliográfica, se retirou o que de mais proveitoso houve para iluminar as ocorrências dos fenômenos em questão. Em última instância, pode ir bem este estudo quando se eleger uma perspectiva descritivista e, ao mesmo tempo, procurando interpretar os dados, sobretudo quanto aos seus contextos favorecedores e desfavorecedores. As antologias que, por vezes, serão oferecidas se direcionam no sentido de mostrar que os dados é que são as estrelas; que não fatiguem, portanto, o excesso de ocorrências dadas, julgado indispensável em um estudo com esse perfil. Diante disso, parte-se para o que os 290 textos têm a narrar sobre a redução de ditongos e a ditongação no século XIX.

1 Redução de Ditongos

Definição de Mattoso Câmara Jr. (2004, p. 170):

MONOTONGAÇÃO: Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples, como a passagem em latim de *Ī* para /è/ e em latim vulgar de *au* para *o* (*pauper* > **popper*, cf. port. *pobre*).

Definição, aliás, que autorizaria, a princípio, denominar *monotongação* todo ditongo reduzido, seja qual for a motivação, a uma vogal. Contudo, saiu-se de produção bibliográfica mais atualizada com a impressão de que o termo se apropria a ditongos decrescentes cuja semivogal é deitada fora: é que os trabalhos consultados não dão a conhecer uma definição explícita para o que seja, de fato, uma *monotongação*; isso se depreende, indiretamente, dos seus títulos, subtítulos e referências esporádicas. ¹ Veio desse mesmo percurso a inferência de que, se não está em causa o contexto aludido, os termos são múltiplos, sobretudo *supressão* e *redução*. ²

Pensa-se que *supressão* seja mais apropriado para se referir ao segmento que se elimina, caso contrário, pode dar a impressão de que é o ditongo inteiro que desaparece. Quanto à *monotongação*, por sua vez e como já se viu, intui-se que se aplique a um contexto específico. Sobram, desse modo, como termos mais ajustados para se descreverem os dados, *redução* ou *simplificação*, porque mais generalizantes e por abraçarem todas as ocorrências do *corpus*.

Regressando à citação de Mattoso Câmara Jr. (2004) e à informação de que a tendência a se reduzirem ditongos é antiga na língua. De fato, remonta ao latim, que, segundo Coutinho (1976, p. 108), só possuía quatro ditongos: *ae*, *oe*, *au* e, bastante raro, *eu*. Em fase última do latim vulgar é que surge *ai*. No domínio do português, ou se

¹ Cf. Silva (2004): ‘Monotongação [sic] [aj]’, ‘Monotongação do ditongo [ej]’, ‘Monotongação do ditongo [ow]’; Bortoni-Ricardo (2005): ‘Monotongação de ditongos decrescentes (*beira* > *bera*, *outro* > *otru*)’, ‘Monotongação do ditongo nasal em “*muito*” >> “*muntu*”’, entre outros.

² Cf. Bortoni-Ricardo (2005): ‘redução do ditongo crescente átono final (“*nutiça*”’, ‘supressão do ditongo crescente em sílaba final (“*veio* >> *vei*”’); Battisti (2002): ‘Redução dos ditongos nasais átonos’, entre outros.

reduzem ou vão resultar em novos ditongos,³ se bem que processos históricos os reintroduzem na língua e, ainda, causarão o surgimento de vários outros.⁴

No âmbito da fonética portuguesa, estudos sincrônicos atuais atestam a simplificação de [ey] a [e] e de [ow] a [o] em, pelo menos, três variedades: a europeia (CINTRA, 1983, p. 35-54), a brasileira (MOTA, 1994; PAIVA, 1998; SILVA, 2004, entre outros) e a angolana (BARROS, 2002). No português brasileiro, é certo que o traço atinge outros ditongos, além desses referidos, e vários já mereceram descrições pormenorizadas, em inúmeros dialetos, sobretudo sob o escopo teórico da Sociolinguística Quantitativa, que já legou trabalhos suficientes ‘para que se dê a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César’, ou seja: ‘regras’ diversas a motivarem reduções de diferentes ditongos. Um exemplo para o qual as descrições apontam algum consenso nas variedades do português brasileiro: de [ey] para [e], o contexto fonológico seguinte é determinante, mas não o será para [ow] a [o], que se manifesta independentemente do fonema que o segue (TASCA, 1998).

Não há necessidade de mais para explicar a organização dos dados. Optou-se por uma imagem individual de cada ditongo simplificado no *corpus*, cada um em seu tempo, divididos em orais e nasais.

³ Cf. Coutinho (1976, p. 108-110): *ae* pretônico > *i* ou *ê*: *aequale* > *igual*, *aetate* > *idade*, *aestivu* > *estio*; *ae* tônico > *é*: *caelu* > *céu*, *caecu* > *cego*, *praesto* > *presto*; *ai* > *ei*: **amai* > *amei*, **hai* > *hei*; *au* > *ou*: *thesauru* > *tesouro*, *tauru* > *touro*, *paucu* > *pouco*. No princípio de palavra, acrescenta o autor, quando átono, perdia este ditongo o -u- por dissimilação, no latim vulgar, se a sílaba tônica continha a vogal *u*: *agustu* por *angustu* > *agosto*; *ascultare* por *auscultare* > *ascuítar* e *escuítar* (arcs.). *eu* > *o* na linguagem popular: *Eusebiu* > *Osébio*, *Eulália* > *Olália* ou *Olalba*, *Eugéniu* > *Ogênio*.

⁴ Alguns desses processos, cf. Coutinho (1976, p. 110): a síncope ou queda de fonema medial: *malu* > *mau*, *lege* > *lei*, *palu* > *pau*; a vocalização ou transformação de consoantes em vogal, em certos grupos consonantais: *alt(e)ru* > **autro* > *outro*; *factu* > **faiito* > *feito*; *regnu* > *reino*; a metátese ou transposição de fonemas: *primariu* > **primairo* > *primeiro*, *librariu* > **livrairo* > *livreiro*; a epêntese de vogal para desfazer hiatos: *creo* (< *credo*) > *creio*, *tea* (< *tela*) > *teia*.

1.1 Redução de ditongos orais

1.1.1 Ditongo [ay]

A simplificação de [ay] para [a] apresenta-se em 42 ocorrências, mas tem de ficar bem claro o seguinte: mesmo sendo produto de mãos variadas, atinge basicamente dois itens lexicais (*abaixo* e *caixa*), que, com 34 casos – 26 para o primeiro e 8 para o segundo –, cobrem 81.0% do que se encontrou para a redução do ditongo em questão. De qualquer sorte e tomadas conjuntamente todas as ocorrências, não se pode deixar de lado uma nota: com exceção de um dado, em que a simplificação ocorre antes de uma consoante nasal, todos os restantes apresentam o fenômeno antes da palatal [ʃ]. Segue uma amostra: *Abaixo* (abaixo), *Baxa* (baixa), *Caxa* (caixa), *Caxas* (caixas), *Debaxo* (debaixo), *Pachão* (Paixão), *Paxaô* (Paixão), *Ramundo* (Raimundo)

1.1.2 Ditongo [aw]

A redução do ditongo [aw] manifesta-se também em 42 casos, contudo, diferentemente do ocorreu para [ay], atinge itens lexicais um tanto mais variados. Para que sejam mais elucidativos os comentários seguintes, segue uma exposição do fenômeno no *corpus*: *Cladi* (Cláudio), *Cladimir* (Claudemir), *Cladio* (Cláudio), *Sodoza* (saudosa), *Amentar* (aumentar), *homento* (aumento), *Omenos* (ao menos), *omentando* (aumentando), *Athoriza* (autoriza), *hoturizada* (autorizada), *Agusta* (augusta), *inauguração* (inauguração), *Exasta* (exausta), *Exsasto* (exausto), *Fastiniano* (Faustiniiano), *Fastino* (Faustino).

Mesmo que se ateste a incidência da simplificação do ditongo em itens lexicais mais diversos, é com cautela que se deve fazer referência ao contexto em que se explicita o fenômeno. Por exemplo, reduz-se [aw], em 20 vocábulos, diante de [d], mas 17 dizem respeito ao nome próprio *Cláudio*. Do mesmo modo, o verbo *autorizar* e seus derivados são exemplares únicos do ditongo reduzido diante de [t]. Mas isso, já que foi posto, não pode impedir a menção ao contexto fonológico subsequente, até porque, em estudos sobre outros ditongos, se mostra relevante. Tenham-se, portanto, os contextos a serem referidos apenas como indícios. E quanto a isso, observou-se que a redução de [aw] ocorre diante de [d], de [m], de [t], de [g] e de sílabas travadas por

/S/, conforme se pode observar na amostra dada. É por isso que se arisca na sugestão de que o fenômeno se dê, principalmente, diante de consoantes oclusivas.

Há mais um *pouquinho* a contar e é sobre o produto final da redução. São dois e o mais freqüente veio com a supressão da semivogal [w], por isso [aw] passou a [a]. Quanto ao outro, que só ocorre em sílaba pretônica, advém de fusão da vogal com a semivogal, em que a primeira perde o traço [+ baixa] e a segunda o traço [+alta], resultando, por conseguinte, em uma vogal intermediária. Só por curiosidade, ilustram-se os dois coexistindo em um mesmo item lexical: *amentar* e *omento*, *atborizado* e *hoturizada*.

1.1.3 Ditongo [ey]

Apontou-se acima que a simplificação de [ey] para [e] já foi fartamente estudada em diversos dialetos brasileiros e que algum consenso há no sentido de atribuir ao contexto fonológico seguinte papel determinante na redução. Desse modo, é generalizada a afirmação de que o simplificar do ditongo em causa está diretamente relacionado com a presença da vibrante [r] e das fricativas palatais [ʃ] e [ç]. Não é que o fenômeno não ocorra com outros segmentos, está-se, tão-somente, diante dos ‘candidatos mais fortes’. E por que ‘candidatos mais fortes’? Paiva (1998, p. 227-228) já deu resposta ao que se interroga. Segundo a autora, as fricativas palatais compartilham com a semivogal do ditongo o traço [+alto] e a seqüência de dois segmentos com um mesmo traço em comum é ambiente favorável à assimilação, que, no caso de [ey], incide na semivogal. No tocante ao [r], ainda consoante a autora, é dos segmentos consonânticos que se caracteriza por possuir o maior número de propriedades vocálicas e uma delas, [+contínuo], é vista por Paiva (1998) como a responsável pelo efeito condicionante de [r].

Antes de referir-se a [ey] simplificado no *corpus*, há que se fazer um adendo para os 338 casos que dizem ser esse o ditongo mais atingido: é que um mesmo autor, Luciano da Silva Serra, se responsabiliza por um número considerável das ocorrências, 265 (78.4%). A conclusão imediata: o quadro oferecido adiante é de autoria quase exclusiva dessa mão. Contemplando-o, o que salta aos olhos é a redução de [ey] para [e] principalmente quando seguido de [r]. E,

nesse aspecto, Luciano da Silva Serra e seus pares não vão por caminhos diferentes, porque, apartando os dados de um e outros, apresentam, pelo menos quanto ao contexto fonológico seguinte, comportamento semelhante. Uma amostra só com o fenômeno antes do [r], que poderia ser bem mais extensa, já que se manifestou, no conjunto de 338, em 224 ocorrências (63.3%): *6ª. fera* (sexta-feira), *Banhero* (banheiro), *Cadera* (cadeira), *chapellero* (chapeleiro), *companheiros* (companheiros), *dinhero* (dinheiro), *enterada* (inteirada), *feverero* (fevereiro), *Ferrera* (Ferreira), *maderus* (madeiras), *Olivera* (Oliveira), *Pedrero* (pedreiro), *Perera* (Pereira), *portero* (porteiro), *primera* (primeira), *quera* (queira), *requero* (requero), *Ribero* (Ribeiro), *terça fera* (terça-feira), *tervera* (terceira), *Thezoroero* (tesoureiro), *Triguero* (Trigueiro)

Em termos quantitativos, os números são desproporcionais, mas a amostra seguinte, com exemplos colhidos entre as 114 ocorrências restantes (36.7%), expõe a passagem de [ey] a [e] diante de: [ʃ], [t], [s], vogal, [d] e [l]: *Chexas* (Seixas), *deChemos* (deixemos), *delexo* (desleixo), *dexa* (deixa), *dexaro* (deixaram), *dislexo* (desleixo), *Thexera* (Teixeira), *Sexa* (Seixas), *aproveitose* (aproveitou-se), *detado* (deitado), *direto* (direito), *feto* (feito), *Lete* (Leite), *letura* (leitura), *sugetas* (sujeitas), *Comvecaõ* (Conceição), *consecao* (Conceição), *Ressureção* (Ressureição), *Resuresaõ* (Ressureição), *Correa* (Correia), *Lea* (leia), *mea* (meia), *meo* (meio), *Alneda* (Almeida), *lelaõ* (leilão)

1.1.4 Ditongo [ey]

O ditongo [ey], esse foi reduzido para [ɛ] em 152 ocorrências; a redução bastante produtiva em um único item lexical, *assembléia*, que se exhibe em 148 dados (97.4%), esse é o evento merecedor de destaque, por isso, a vir, uma exposição exclusiva da redução do ditongo no vocábulo, para flagrá-lo vestido nas suas diferentes variantes gráficas, mas saindo da pena de diversos autores: *assemblea*, *aSembrea*, *assemblea*, *assembléa*, *assenblea*, *Asemblea*, *Asembrea*, *Assemblea*, *Assembléa*, *semblea*, *senblea*.

São apenas 4 (2.6%) as ocorrências restantes e, em contexto semelhante ao de *assembléia*, ou seja, diante de uma vogal, há mais uma a assinalar: *Ideas* por *idéias*. As outras 3 incluídas no rol de grafias que atestam a redução de [ey] se localizam em sílabas postônicas finais e travadas por /S/: *abes* por *hábeis*, *move*s por *móveis* e *Responçaves* por

responsáveis, apresenta-se, contudo, a sugestão de que o <e> gráfico esteja correspondendo a um [i] fônico. Mas esse aspecto terá de ser mais alongado e o assunto, inevitavelmente, derivará para o alteamento de vogais médias átonas.

Estudando-se os desencontros entre fala e escrita no âmbito do alteamento de vogais átonas, 2.285 ocorrências depõem a favor de [e] > [i] – *dissidido* (decidido), *Istar* (estar), *Lionardo* (Leonardo) –, [e] > [i] – *attindido* (atendido), *inpocado* (empossado), *sintimentos* (sentimentos) –, [o] > [u] – *Dumingo* (Domingos), *pruvincia* (provincial), *perduados* (perdoados) – e [õ] > [u] – *Cunprendido* (compreendido), *descuntado* (descontado), *punderaço*e (ponderações), em posição pretônica. Já em posição postônica final, sabe-se que a ocorrência das vogais médias [e] e [o] é particularidade dialetal. Predomina, na maior parte do Brasil, a realização exclusiva das variantes altas, que, consoante Mattoso Câmara Jr. (1976, p. 45), muito cedo substituem as médias. De sua parte, a escrita reserva, quase sempre, um <o> e um <e> gráficos para representar os segmentos altos nessa posição. Se era essa a pronúncia generalizada no século XIX, os documentos revelam que a prática grafológica referida também o era e que, aliás, estava já bastante assimilada pelos negros oitocentistas, porque a constante foi o [i] e o [u] se traduzirem pelo <e> e pelo <o>, respectivamente, embora haja casos em que pronúncia e escrita andaram de “mãos dadas”: *Cosmi* (Cosme), *Noiti* (noite), *Vinti* (vinte), *Azilu* (azilo), *Estatutu* (estatuto), *tumurtu* (tumulto).

Alguns vestígios a mais dessa apreensão.

Na listagem referente às grafias que denunciam embaraços ortográficos com os designados grupos consonantais de origem erudita, a epêntese do <i> é o recurso mais notável: *obiter* por *obter*, *subivenção* por *subvenção*, *adimitido* por *admitido*... Compreende-se bem a razão do expediente: [i] na fala, <i> na escrita. Mas quando um espaço em branco acompanhou a epentese, marcando a fronteira entre dois vocábulos, duas mãos fizeram outra correspondência: [i] na fala e <e> na escrita: <e> na escrita da vogal alta em posição final, esse é o detalhe relevante, esse é o sinal de que os autores tinham se apropriado do hábito ortográfico mencionado: *sube* *escribir* por *subscrivi*, *sube* *escrevi* por *subscrivi*. E na redução do ditongo nasal [ãw]), dessa vez registrada por vários autores, em que a semivogal desnasalizada é convocada à vogal, não foi o <u> o símbolo gráfico a traduzi-la e sim o <o>: *dexaro* por *deixaram*, *gastaro* por *gastaram*, *Votaro* por *votaram*.

1.1.5 Ditongo [ow]

280 ocorrências expõem a redução do ditongo [ow] para [o] – e talvez para [O] também, quando em sílaba pretônica –, mas que se guarde: 143 (51.1%) a exibem em um único item lexical – *tesoureiro*. Para o português brasileiro hodierno, segundo Tasca (2002, p. 42), a grande maioria dos que estudaram o fenômeno em causa, amplamente atestado em diversos dialetos, afirma se tratar de mudança em progresso que está em seus últimos estágios. Ou seja, a redução de [ow] para [o] apresenta-se, ao que parece, independentemente de qualquer contexto. De qualquer sorte, o que se vê, nos dados em análise, é a simplificação do ditongo referido diante de [r], de [v], de [t], que foram os casos mais numerosos, mas também quando seguido de [k], de [b], de [s] e de [z]. No final da amostra, duas ocorrências incidindo na conjunção *ou*: *dórada* (dourada), *ex thizoreiro* (ex-tesoureiro), *Lorenzo* (Lourenço), *loros* (louros), *Moreira* (Moureira), *Tezoreiro* (tesoureiro), *vindora* (vindoura), *vindôro* (vindouro), *hove* (houve), *hover* (houver), *hovindo* (ouvindo), *Ovesse* (houvesse), *Ovimos* (ouvimos), *otra* (outra), *hotro* (outro), *hotrosim* (outrossim), *Soto* (Souto), *pocos* (poucos), *Sobece* (soubesse), *troxe* (trouxe), *Soza* (Sousa), *o* (ou), *Ó* (ou)

Dos 280 casos, separaram-se 85 (30.2%) que revelam a simplificação de [ow] quando desinência verbal, inclusive se seguido por um pronome clítico: *Acho* (achou), *Auturizo* (autorizou), *Comunico* (comunicou), *deicho* (deixou), *Depromo* (diplomou), *dilibero* (deliberou), *dizinpenho* (desempenhou), *fico* (ficou), *mando* (mandou), *nomio* (nomeou), *Ordemo* (ordenou), *Passo* (passou), *pregunto* (perguntou), *acentoçe* (assentou-se), *apresentose* (apresentou-se), *Combinoce* (combinou-se), *Depromo-Se* (diplomou-se), *encontroce* (encontrou-se), *feixosse* (fechou-se), *guihole* (guiou-lhe), *hentroçi* (entrou-se), *mandose* (mandou-se), *ordenome* (ordenou-me), *pagosi* (pagou-se), *passose* (passou-se), *tratoçe* (tratou-se).

Nas grafias seguintes, importa notar que a redução do ditongo, mas só quando desinência verbal, levou alguns autores a inscreverem sistematicamente um <r> gráfico. Na fala, a simplificação do [ow], mas, na escrita, algumas mãos estavam conscientes de que a ortografia da sílaba final carecia de um grafema a mais, daí que, para ocupar o lugar que seria do <u>, convocaram o <r>, grafema, como diz Zorzi (1998, p. 81), bastante móvel, porque pode aparecer em

vários lugares dentro de uma palavra: *aCeitor* (aceitou), *apresentor* (apresentou), *Flaltor* (faltou), *Informor* (informou), *levantor* (levantou), *mandor* (mandou), *numior* (nomeou), *Ordenor* (ordenou), *Organizor* (organizou), *pascor* (passou), *Tertimior* (determinou), *tomor* (tomou), *votor* (votou). Se a hipótese merecer crédito, os números referentes à redução do ditongo [ow] avolumam-se para 296.

1.1.6 Ditongo [uy]

[uy] passa a [u] em 7 casos, todos referentes ao verbo *cuidar* e quase todos de autoria de uma mesma mão, a de Antônio José Bracete: *Cuda* (cuida), *cudados* (cuidados), *Cudados* (cuidados), *cudar* (cuidar), *cudarão* (cuidarão), *cudar-nos* (cuidar-nos), *Cudei* (cuidei)

1.1.7 Ditongo [ya]

Ocorreu, em 20 casos, a redução do ditongo [ya] para [a] apenas em sílaba postônica final de nomes. Desse total, 6 (30.0%) incidem sobre o vocábulo *família*, grafado pelos autores como *familha*, o que indica que a seqüência [li] se palatalizou, e 7 (35.0%) sobre o vocábulo *sindicância*. Vejam-se essas e as outras ocorrências: *encubença* (incumbência), *entilgença* (inteligência), *familha* (família), *feras* (férias), *fêras* (férias), *Horgença* (urgência), *Sindicanaça* (sindicância), *sindicanca* (sindicância), *Syndicança* (sindicância).

1.1.8 Ditongo [yu]

As duas observações iniciais sobre as 123 ocorrências reveladoras da redução do ditongo [yu] vão para o fato de que os dados só o atestam em sílaba postônica final e de que, na ampla maioria dos casos, o fenômeno incide em nomes próprios, os dos integrantes da SPD.

Quanto às estratégias de simplificação, duas estão documentadas. Com 78 casos (63.4%), o que a torna a mais recorrente, está aquela em que se eliminou a semivogal [y]. Repare-se, contudo, na listagem seguinte, que a semivogal é antecedida por consoantes que, com ela, têm em comum o fato de se produzirem na região anterior da cavidade bucal e, como já se disse anteriormente, dois segmentos

contíguos com alguma propriedade em comum é ambiente favorável à assimilação; isso, talvez, explique a redução nas grafias em exposição: *Amanco* (Amâncio), *Anastaco* (Anastácio), *Arceno* (Arcênio), *aTanaso* (Atanásio), *Benico* (Benício), *Claudo* (Cláudio), *Direitoro* (diretório), *emtencilho* (utensílio), *Entencilho* (utensílio), *Erzesiço* (exercício), *escortino* (escrutínio), *escrutino* (escrutínio), *Escrituraro* (escriturário), *botençilho* (utensílio), *judiciaro* (judiciário), *Maurisso* (Maurício), *Niverçaro* (aniversário), *Secretaro* (secretário), *Soco* (sócio), *Tibero* (Tibério).

Assume-se que, para as grafias acima, está o <o> gráfico a transcrever o [u] fônico, porque, quando se discutiu o alteamento de vogais médias em posição final, se mostrou que essa prática grafológica estava já assimilada pelos irmãos da SPD. Na antologia por vir, em que constam alguns exemplos dos 45 casos restantes (36.6%), o que se vê é a vogal sendo apocopada. Constata-se, porém, que essa estratégia se concentra, principalmente, em duas mãos: na de Júlio Capitolino da Boa Morte e Luciano da Silva Serra, exatamente as mesmas que, ao contrário da dos seus pares, nem sempre fizeram corresponder o [i] fônico final ao <e> gráfico. Ou seja: a prática grafológica referida, que escapou aos dois autores, justifica a semivogal, agora vogal, sendo transcrita por um <i> e não por <e>: *Amanci* (Amâncio), *Antoni* (Antônio), *Azili* (azilo), *Benisi* (Benício), *Cladi* (Cláudio), *Damazi* (Damásio), *Grigori* (Gregório), *Juli* (Júlio), *Mamedí* (Mamédio), *Offici* (ofício), *ofisi* (ofício), *Pineri* (Pinério), *predi* (prédio), *relatori* (relatório), *Secretari* (secretário), *Soci* (sócio), *Terensi* (Terêncio).

1.2 Redução de ditongos nasais

1.2.1 Ditongo [ãũ]

Diligentes que foram ao hábito de transcrever [u] fônico final como <o>, parte-se logo do princípio de que os membros da SPD reduziram, em todas as 27 ocorrências encontradas, o ditongo [ãũ] para [u], o que já faz ver, por conseguinte, a desnasalização como fenômeno adicional. Se não constasse um dado, *no* por *não*, poder-se-ia dizer ainda que a simplificação se manifestou exclusivamente na sílaba átona final de verbos e de nomes; em proporções bem diferentes, é verdade, já que os números chegaram a 22 (81.5%) para os primeiros e a 4 (14.8%) para os segundos: *Asigno* (assinam), *asinaro* (assinaram),

aSinaro (assinaram), *Comparicero* (compareceram), *dexaro* (deixaram), *direberraro* (deliberaram), *disero* (disseram), *Dissero* (disseram), *Fartaro* (faltaram), *foro* (foram), *gastaro* (gastaram), *Istevro* (Estevão), *no* (não), *Orfo* (órfão), *requereiro* (requererão), *respondero* (responderão), *Votaro* (votarão).

1.2.2 Ditongo [ẽỹ]

Das 16 ocorrências que atestam a redução de [ẽỹ], sobressaem as 11 (68.8%) que dizem respeito à preposição *em*, advindas quase todas das mãos de Manuel Leonardo Fernandes. Acreditando-se que as representações gráficas para o vocábulo sejam, de fato, fonográficas, o que fica explícito é que o ditongo seria reduzido a [i], alternando com uma variante em que a nasalidade é preservada, [ĩ]: *i* (*em*), *im* (*em*), *in* (*em*). Para os 5 casos restantes (31.2%), há a dizer que a simplificação incide na sílaba átona final de um mesmo nome e dois verbos; que a acompanha a perda da nasalidade e que o [i] fônico foi transcrito pelo <e> gráfico: *home* (homem), *homes* (homens), *orde* (ordem), *tere* (terem).

1.2.3 Ditongo [ũỹ]

Só uma mão, a de Antônio José Bracete, e só um item lexical, *muito*, a registra. Desse modo, resta apenas a assinalar, para as 23 ocorrências do ditongo [ũỹ], a sua redução para [ũ], em que a nasalidade foi, sistematicamente, representada pelo <n>: *munto*, *Munto*, *muntos*.

1.3 Outros ditongos reduzidos

Incluem-se neste item aqueles ditongos reduzidos, orais e nasais, cujo número de ocorrências foi bem diminuto:

- Ditongo [ew] para [e]: *Estaquio* por *Eustáquio* – 1 caso;
- Ditongo [oy] para [o]: *coza* por *coisa*, *mote* por *noite*, *Note* por *noite*, *note* por *noite* – 4 casos;⁵

⁵ As ocorrências que incidem no vocábulo *noite* talvez contem sobre a palatalização de [t] antes [i], para a qual a escrita não dispõe de um símbolo gráfico próprio para representá-la. Veja-se que um contexto bem favorável à redução do ditongo é a sua

- Ditongo [ãỹ] para [ã]: *andames* por *andaimés* – 1 caso;
- Ditongo [wã] para [õ]: *Contuantes* por *enquanto antes*, *enConto* por *enquanto* – 2 casos.

1.4 A imagem conjunta

Julga-se importante ter feito uma imagem individual para cada ditongo reduzido, porque se deram a conhecer aspectos que os dados, se considerados conjuntamente, esconderiam. Por exemplo: que alguns ditongos ganham, em relação a outros, destaque em número de ocorrências; que, para alguns ditongos simplificados, os exemplares se concentram em textos de determinadas mãos ou em certos itens lexicais; que há a indicação de condicionamentos diferentes para ditongos também diferentes; que o resultado final da simplificação pode ser duplo; e, por fim, para que se chegue a uma pequena imagem conjunta. Segue-a.

Dos 1.094 casos em que ditongos são simplificados, 1.025 (93.6%) atingem os orais. Destes, 882 (86.0%) dizem respeito aos decrescentes: [ay], [aw], [ey], [ew], [ɛy], [oy], [ow] e [uy], e 143 (14.0%), aos crescentes: [ya] e [yu]. Ditongos nasais reduzidos, 69 ocorrências, 6.4% do total geral, os atestam: 67 (97.1%) para os crescentes – [ãw], [ãỹ], [ẽỹ] e [ũỹ] – e 2 (2.9%) para um único decrescente: [wã]. Enfim, o *corpus* aponta para a redução prevalecente em ditongos orais e decrescentes. A seguir, um quadro que conjuga as duas imagens, a individual e a conjunta:

morada antes de consoantes palatais. Aliás a dúvida permanecerá sempre que um ditongo, inclusive os inúmeros oferecidos anteriormente, vier antecedido de [t] ou [d] antes [i].

Quadro 1 – Redução de ditongos: a imagem conjunta

ORAIS	DITONGOS CRESCENTES		Nº. OCORRÊNCIAS	%	
	[ay]	>	[a]	42	3.8
	[aw]	>	[a], [o] ⁷	42	3.8
	[ey]	>	[e]	338	30.9
	[ew]	>	[e]	1	0.1
	[ɛy]	>	[ɛ], [i] ⁸	152	13.9
	[oy]	>	[o]	4	0.4
	[ow]	>	[o]	296	27.1
	[uy]	>	[u]	7	0.6
	TOTAL			882	80.6
DITONGOS DECRESCENTES			Nº. OCORRÊNCIAS	%	
	[ya]	>	[a]	20	1.8
	[yu]	>	[i], [u]	123	11.3
	TOTAL			143	13.1
	NASAIS	DITONGOS CRESCENTES		Nº. OCORRÊNCIAS	%
[ãw̃]		>	[u]	27	2.4
[ãỹ]		>	[ã]	1	0.1
[ẽỹ]		>	[i], [í]	16	1.5
[ũỹ]		>	[ũ]	23	2.1
TOTAL			67	6.1	
DITONGOS DECRESCENTES		Nº. OCORRÊNCIAS	%		
[w̃ã]		>	[õ]	2	0.2
TOTAL			2	0.2	
TOTAL GERAL			1.094	100	

⁶ Pode-se admitir que essa vogal média fechada varie com a aberta [o] em sílaba pretônica.

⁷ Mas só em sílaba átona final travada por /S/.

2 Ditongação

Mudança fonética que consiste na formação de um ditongo sistemático a partir de uma vogal simples.

É dessa maneira que Mattoso Câmara Jr. (2004, p. 100) define a ditongação e, *mutantis mutandis*, vai ser esse o conceito recolhido na bibliografia sobre o tópico. Lá na nota 4, quando se descreveu o fenômeno anterior, vêem-se, segundo Coutinho (1976, p. 108-110), alguns dos processos responsáveis pela manutenção ou aparição de ditongos na história do português. É antigo, portanto, e ainda ocorrente na variedade brasileira. Consoante Leite, Callou e Moraes (2003, p. 232), na atualidade, apresenta-se em vários contextos, tanto pela inserção de uma semivogal (doze > do[w]ze; paz > pa[y]z), como pela modificação de uma consoante, em posição de coda silábica (mal > ma[w]; arco-iris > a[w]co-iris ou a[y]co-iris).

Para uma descrição do fenômeno em causa, os dados do *corpus* pareciam ‘indomesticáveis’, mas o achego ao trabalho dos autores referidos acima, o de Leite, Callou e Moraes (2003), levou a que fossem organizados de acordo com os processos que o ocasionam.

2.1 Ditongação com a inserção da semivogal [y]

595 ocorrências contam que a formação de ditongos com a inserção da semivogal [y] foi o processo mais produtivo na documentação em análise.

Em contexto de sílabas travadas por /S/, segundo Révah (1958 apud LEITE; CALLOU; MORAES, 2003, p. 232), a ditongação é traço que opõe o português brasileiro ao europeu. Quanto ao seu aparecimento no Brasil, é a poesia do século XIX que traz as primeiras indicações, porque, de acordo com Leite, Callou e Moraes (2003, p. 232), já se faziam rimas do tipo *azuis/luz* e *jamais/voraz*. Noll (2004, p. 16-17), pelo mesmo viés, também fixa a sua entrada no século mencionado, uma vez que encontrou, em um poema do cearense Braz Pitorras, de 1848, rimas semelhantes. Contudo, o autor, em consulta ao trabalho de Oliveira (2003), à parte da edição filológica que integra a sua Dissertação de mestrado, localiza explicitamente a ditongação no contexto referido em um documento escrito no ano de 1841, no

seguinte trecho: “*Ao sete dias do Meis de Novembro...*”. Noll (2004), desse modo, antecipou o que os 95 dados referentes à ditongação em sílabas travadas por /S/ – correspondentes a 16.0% dos 595 – trazem de novidade: a sua manifestação explícita nos oitocentos.

No conjunto das ocorrências, as palavras monossilábicas, com 85 casos, são as que mais confessam o fenômeno, mesmo quando se considera que 35 delas dizem respeito à forma verbal *pôs*, grafada por mãos diferentes como *pois*. Deixa ver os dados que, desde o século XIX, além da neutralização na fala entre *pôs* (verbo) e *pois* (conjunção), outras já estavam em cena: *mais* (advérbio) e *mas* (conjunção), *ex* (prefixo) e *eis* (advérbio), *paz* (substantivo) e *pais* (substantivo). Se são palavras formadas por mais de uma sílaba, assiste-se à ditongação em posição pretônica (1 caso), tônica (8 casos) e postônica (1 caso): *deis* (dez), *fais* (faz), *Feis* (fez), *heis* (ex), *mais* (mas), *meis* (mês), *pais* (paz), *pois* (pôs), *treis* (três), *veis* (vez), *Vaisconcelvo* (Vasconcelos), *espois* (expôs), *expois* (expôs), *Opois* (opôs), *Thomais* (Tomás).

Para além desse contexto, o de sílabas travadas por /S/, estão 500 ocorrências (84.0%) e, acreditando-se que os dados estejam sendo sinceros, a ditongação só ocorre em vocábulos compostos por mais de uma sílaba, nas várias posições: pretônica – 234 (46.8%), tônica – 127 (25.4%) e postônica – 139 (27.8%). No entanto, em sílabas pretônicas e tônicas, há um comportamento semelhante: a semivogal inserta sempre sucede a vogal, do que resultam apenas ditongos decrescentes. É clássica a interpretação de Bisol (1989, p. 191-192) de que as consoantes palatais apresentam traços consonânticos e vocálicos e que estes últimos podem se espalhar para a esquerda, ocasionando o aparecimento da semivogal [y] e, conseqüentemente, a formação de um ditongo. Sugere-se, então, essa como uma provável explicação para as grafias seguintes reveladoras do fenômeno, de um conjunto de 186 ocorrências, 25.5% dos índices totais: *vejaõ* (sejão), *Conseilho* (conselho), *dezeijando* (desejando), *dezeijava* (desejava), *elejemos* (elejemos), *esteija* (esteja), *Feixada* (fechada), *feixosse* (fechou-se), *feixar* (fechar), *Festeijo* (festejo), *goteijando* (gotejando), *Igreija* (igreja), *Roixa* (roxa), *seija* (seja), *seije* (seja), *veja* (veja), *vejão* (vejão).

Mas a listagem vindoura, cuja extensão em muito pode crescer, porque uma antologia completa oferecerá 214 dados, 44.4% de todas as ditongações com a colocação da semivogal [y], sugere que o fenômeno também acontecesse antes de outros segmentos,

principalmente das consoantes alveolares: *cei*ção (sessão), *cei*rem (serem), *furtalei*ça (fortaleça), *Rei*sureiçãõ (Ressureição), *comparecei*raõ (comparecerão), *Foir*ão (forão), *Direi*torio (diretório), *requerei*ro (requereram), *respondei*ro (responderam), *teire*m (terem), *despei*za (despesa), *ei*ziste (existe), *Prei*zidente (presidente), *Enriquei*ta (Henriqueta), *Fai*to (fato), *Gavei*ta (gaveta), *inui*to (inútil), *Lei*tra (letra), *prei*ta (preta), *di*zuinidos (desunidos), *istei*vi (esteve), *pei*lo (pelo), *Fonçei*ca (Fonseca), *nomei*ada (nomeada), *patentei*ar (patentear), *Balacei*te⁸ (balancete), *effei*tivo (efetivo), *Sei*te (sete).

Só em posição postônica se assiste, em 84 ocorrências (14.1%) e com regularidade, à colocação da semivogal [y] antes da vogal. Só na posição mencionada se nota, portanto, a formação exclusiva de ditongos crescentes, como explicita a antologia seguinte: *Afoncio* (Afonso), *amario* (Amaro), *Azílio* (azilo), *Balancio* (balanço), *Compromisio* (compromisso), *comprimi*ção (compromisso), *consencio* (consenso), *Despasio* (despacho), *discurcio* (discurso), *Izidorio* (Izidoro), *Narcizio* (Narciso), *recurcio* (recurso), *Theodorio* (Teodoro), *yurio* (juro), *Cobrançia* (cobrança), *Confiançia* (confiança), *deferençia* (diferença), *justicia* (justiça), *licençia* (licença), *prezençia* (presença), *Protectoria* (Protetora), *segurançia* (segurança), *sinceria* (sincera), *vingançia* (vingança).

2.2 Ditongação com a inserção da semivogal [w]

As 124 ocorrências demonstram que só ocorre a ditongação com o ingresso da semivogal [w] em sílabas pretônicas – 43 (34.6%) – e tônicas – 81 (65.4%) –, formando apenas ditongos decrescentes, já que, sistematicamente, o segmento foi colocado depois da vogal. É só o que se conta ter visto de mais regular nos dados; sabe-se, no português atual, ser esse um dos processos formadores de ditongos, mas ainda não mereceu uma particular atenção, pelo que ficarão de fora considerações mais demoradas: *acau*ço (acaso), *atau*que (ataque), *aucto* (ato), *auctual* (atual), *Augusto* (agosto), *Cardou*ço (Cardoso), *cobradou*res (cobradores), *Douris* (Dores), *fou*çe (fosse), *fou*raõ (forão), *hou*je (hoje), *loucu*çãõ (locação), *oucu*par (ocupar), *ouf*ício (ofício), *pesso*ua (pessoa),

⁸ Deixaram por último esses três vocábulos – *Balaceite*, *effetivo* e *Seite* – por não se saber se está diante de uma consoante alveolar ou já palatalizada, em função da proximidade do [t] diante de [i].

plauço (prazo), *poude* (pôde), *Portetoures* (protetores), *Protetoura* (Protetora), *sinhouira* (senhora), *sofoucado* (sufocado), *soubri* (sobre), *touda* (toda), *touma* (toma), *touxas* (tochas).

2.3 Ditongação pela modificação de consoante

Explicitamente, só duas ocorrências mostram a vocalização de /l/ e, por conseguinte, exibem a formação de ditongos pela modificação de consoante. A primeira, de 1846, foi estampada quando se escreveu um nome de um integrante da SPD: *Manoel Siuvo do Nascimento*, em que, em lugar de <l>, foi inscrito o <u> no sobrenome *Silva*. A outra só veio anos depois, em 1873, no seguinte trecho: ‘*Foi lida a carta do Socio Jezus que mandou saudar o Seu depecto na qual mandava agradecer a todos os seus collegas que lhe ajudaram quando supplicava o emprestimo...*’. Implicitamente, adicionam-se mais 3, em que, talvez, a escrita de <l>, onde se esperaria um <u>, esteja contando, às avessas, que a lateral se vocalizasse:

As 8 hora da noite de 29 de Abril achando | presente os Seguntes
SinhorisO Senhor | Prezidente *abril*a Sessão deste Concelho.

*Abri*l a Ceçaõ O Senbor Soçio Prsidente | ho meio Dia Estava
Prezente 11 Senbor | Sosios.

...Vi o Socio detado | em um dos quartos desta Sociedadade en un
estado *mal* por | falta de uma jumda porqu elle não quiria a caretar
desta | responsabilidade na quailidade de Visce Presidente.

De qualquer sorte, se fosse geral no século XIX, acredita-se que algumas mãos, sobretudo aquelas menos habilidosas, o teriam registrado com mais frequência, como fizeram para inúmeros outros fenômenos, todavia as duas primeiras ocorrências mostram que a vocalização da lateral já se insinuava, vagarosamente, mas de forma explícita, no decorrer dos oitocentos. Pode-se derivar do que se notou a observação de que a vocalização de /l/, em posição de coda, seja traço novo, que, talvez, tenha se alargado ao longo do século XX.

O quadro a seguir traz as 721 ocorrências de ditongação encontradas no *corpus*, distribuídas conforme os processos que as

ocasionaram, mais os ditongos formados por cada um. A inserção da semivogal [y], quanto aos processos de ditongação, foi o mais profícuo, porque, além de sua vantagem numérica, deu margem à aparição de ditongos variados, crescentes e decrescentes. Do lado oposto, bem oposto, está a emergência de ditongo pela vocalização de /l/, tão timidamente documentado.

Quadro 2 – Processos formadores de ditongos

PROCESSOS	Nº. OCORRÊNCIAS	%	DITONGOS FORMADOS	
Inserção de [y]	595	82.5	[ey]	391
			[yu]	84
			[ya]	55
			[oy]	42
			[ay]	17
			[uy]	06
Inserção de [w]	124	17.2	[ow]	107
			[aw]	17
Vocalização de /l/	02	0.3	[iw]	01
			[aw]	01
TOTAL	721	100		

Considerações Finais

As conclusões a que se chegou sobre a redução de ditongos e a ditongação nos textos de africanos e afro-descendentes, redigidos ao longo do século XIX no âmbito de uma irmandade negra na cidade de Salvador, já foram expostas, no seu devido tempo, nas linhas acima, pelo que resta apenas a assinalar que os documentos referidos confirmam a hipótese na *Introdução* colocada: a de que os negros, pertencentes a uma irmandade de cor, dominando para mais ou para menos as habilidades da escrita e da leitura, deixaram que, da fala, certos fenômenos se transpusessem para a escrita. Embora haja um

“mundo” de aspectos lingüísticos à espera de pesquisa, o que se viu para a redução de ditongos e para a ditongação parece constituir provas incontestes do que se afirmou.

Referências Bibliográficas

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 183-202.

BARROS, Agnela. A situação do português em Angola. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Org.). *Uma política de língua para o português*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 35-44.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguem na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.

CINTRA, Luis F. Lindley. Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. In: _____. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983. p. 35-54.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

LEITE, Yone; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: DA HORA, Demerval; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Dicionário de lingüística e gramática*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MOTA, Jacyra. Variação entre **ei** e **e** em Sergipe. In: FERREIRA, Carlota et al. (Orgs.). *Diversidade do português do Brasil*. Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 141-146.

NOLL, Volker. A formação do português do Brasil. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Orgs.). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2004. p. 11-26.

OLIVEIRA, Klebson. *Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso 'latim vulgar'?* 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 3 v.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 217-236.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: DA HORA, Dermeval (Org.). *Estudos sociolinguísticos*. Perfil de uma comunidade. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 29-43.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.